

MAFALDA SANTOS

TERRA ESTREITA



Para o meu filho Vasco,
que tanto desejo possa viver num mundo mais justo.

O afeto é tecnologia da sobrevivência.

BIA FERREIRA

(cantora, compositora e ativista brasileira)

A mesma esquizofrénica humanidade capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte do que ao nosso próprio semelhante.

JOSÉ SARAMAGO

Nota Prévia

Neste livro a palavra *amor* é usada trinta vezes. A palavra *mentira* é dita em sete ocasiões. A palavra *indiferença* em cinco. A palavra *promessa* em dezasseis. A palavra *futuro* em oito. As palavras *vertigem*, *fraqueza e crueldade*, sabe-se lá porquê, apenas em três. A palavra *êxtase* foi cirurgicamente colocada quatro vezes. A palavra *dúvida* surge vinte e quatro vezes. A palavra *Deus* é pronunciada trinta e cinco vezes, todas elas em vão.

Depois, todas as palavras se emaranharam numa só, que cabe ao leitor dizer qual é.

1

O dia amanheceu cristalino. No céu, sem nuvens, o Sol exibia o seu esplendor natural a uma jorna de princípio de verão, mas o trânsito, indefetível fantasma ensombrando as manhãs, tinha, como sempre, pressa em adensar-se, e era por detestar ver-se engolida por ele que Diana se obrigava à disciplina de sair cedo de casa, ainda que isso significasse chegar à editora bastantes minutos antes da hora de entrada. Mas, naquele dia, o sono derrapara no saibro escorregadio do cansaço extremo que faz as pálpebras pesarem como chumbo, e tinha-se atrasado.

A festa dos trinta anos de casados dos pais prolongara-se muito para lá de todas as expectativas, quer em tempo quer em excessos, e quando, às seis e quarenta e cinco, o despertador tocou, ela estava incapaz de se mexer.

Uma mota azul apitou atrás de si com violência, fazendo-a saltar no assento. «Filho da puta!» disse sobressaltada ao mesmo tempo que se encostava à direita, para o deixar passar.

Sentia as têmporas a latejar horripelantemente. Merda. A última rodada de shots de absinto tinha dado cabo dela.

Riu-se ao rever algumas das imagens dessa noite, tinha havido direito a tudo, mas o pai, acompanhado por três dos seus colegas do jornal, a fazer uma performance claramente ensaiada, com direito a roupas e a adereços, do «I Want to Break Free», dos Queen, tinha sido o auge.

Não conseguia esquecer a cara de surpresa da mãe e de como se divertira a vê-la a chorar a rir, agarrada à barriga.

Diana adorava os pais, apesar de se sentir velha perto deles. Faltava-lhe o otimismo inconsequente que ambos tinham,

a cumplicidade na irreverência e na alegria de viver, e secretamente sonhava com o dia em que encontraria alguém com quem pudesse partilhar um amor assim, mas agora, à beira dos vinte e nove anos, tão solteira como aos quinze e escrava do seu trabalho como revisora, começava a perder a esperança.

Travou a fundo. Um acidente, por certo batida sem importância, provavelmente não seria mais do que um encosto entre para-choques, mas era o que bastava para já ninguém ir a lado nenhum. Ergueu-se um pouco no assento para tentar ver, mas era escusado. À sua frente uma muralha compacta de carros apitava uma monumental ode à frustração. Merda! Mil vezes merda.

Alguns metros adiante, Leonardo desceu da mota e tirou o capacete. Não podia acreditar naquilo. Nessa manhã optara especificamente por não levar o carro, para poder fingir quaisquer azares no trânsito e chegar a horas à sua entrevista e agora ali estava ele parado, com um enorme camião TIR atravessado obstruindo totalmente a estrada. «Carma», era o que a namorada lhe diria se o visse agora.

Rebeca estava grávida de seis meses e opusera-se com veemência, com agressividade até, à compra daquela «imaturidade sobre rodas», nome pelo qual gostava de chamar à Harley Davidson LiveWire, azul e preta, que Leonardo mimava como a um primeiro filho. Não lhe perdoava ter gastado tanto dinheiro numa inutilidade daquelas, especialmente estando desempregado e com um bebé a caminho. Na noite em que a mota chegara lá a casa, alertada pelo seu roncar de fera, Rebeca jurara-lhe, de lágrimas nos olhos, que jamais andaria naquela lata ou se esqueceria daquele absoluto ato de egoísmo.

No carro imediatamente ao seu lado, um Mercedes topo de gama, camuflada sob a proteção inimaginável dos óculos escuros, Paula soluçava em silêncio. O marido, de rosto vermelho de raiva, segurava o volante como se o quisesse arrancar. Apesar dos vidros fechados era possível ver que gritava. Não gostara da forma como

a mulher sorria para um colega, no congresso de cirurgia cardiovascular a que ambos tinham ido no fim de semana anterior e, desde então, não parara de a massacrar, numa exibição burlesca de ciúmes que culminara na discussão violenta dessa manhã e no olho negro que ela tentava esconder debaixo de carradas de base.

Paula sempre soubera que o marido era possessivo, mas nunca lhe passara pela cabeça que um dia se atrevesse a levantar-lhe a mão. Sentia que o mundo se tinha aberto debaixo dos seus pés, faltava-lhe apenas decidir se para a engolir ou libertar. Era como se tivesse passado os últimos anos a ver a vida através de um qualquer filtro embelezador que falsifica a realidade que, com o soco de hoje, se partira finalmente.

À sua frente, da janela traseira de um autocarro, um miúdo dos seus sete anos disse-lhe adeus e Paula, apanhada incauta por aquela demonstração de pureza, devolveu-lhe um sorriso. Não tinha filhos, mas gostava de crianças, e para variar, era bom ver algumas fora da sua mesa de operações.

David, tinha oito anos e não sete, e desde os seis que ia sozinho para a escola naquele autocarro. A mãe pegava cedo e não o podia levar, mas ele, não só estava habituado, como verdadeiramente adorava a sensação de independência que aquela simples viagem solitária lhe transmitia. Vanessa tivera-o muito jovem e o pai desaparecera no instante em que o diagnóstico de surdez fora apresentado pelos médicos. David era a alegria e o orgulho da mãe, que para pagar o seu colégio especial se matava a trabalhar em dois empregos, numa empresa de limpezas de condomínios durante o dia, e ao balcão de um restaurante de fast food durante a noite.

Agradado por ter feito sorrir aquela mulher triste, David sentou-se direito no banco e retirou da mochila um pacote de bolachas. Tal como acontecia sempre que a mãe não estava, tinha saído de casa sem comer, e então apercebeu-se de que um casal de idosos o observava. Cuidadosamente, para não as partir, retirou algumas do invólucro de plástico e esticou o braço, oferecendo-as.

A mulher olhou-o encantada e com a delicadeza de quem colhe uma flor, retirou da sua mão pequena uma única bolacha que partiu ao meio e dividiu com o marido. «Obrigada» leu David nos seus lábios.

Helena tinha cancro e Artur acompanhava-a a todas as consultas e tratamentos de quimioterapia. Sempre assim fora desde que se tinham casado há cinquenta e dois anos, juntos na alegria e na dor, apaixonadamente inseparáveis, unidos por um amor tão estoico e irremediável como a doença de Helena.

O motorista, um negro alto e encorpado chamado Miguel, avançou pelo corredor central do autocarro, e num tom que não emanava nada para além de calma e simpatia, explicou aos passageiros o que tinha acontecido. Depois, ouviu pacientemente todos os protestos e impropérios que lhe foram dirigidos, como se de alguma forma extraordinária fosse sua a responsabilidade daquele acidente com o camião, alguns metros mais à frente.

Miguel já tinha tido tantas profissões que quase lhes perdera a conta. Carteiro, entregador de pizzas, porteiro, frente de sala num teatro, pasteleiro de bolos de noiva, modelo de pintura, ladrilhador e agora motorista de autocarro. Lidara com todo o tipo de pessoas, das melhores às piores, e sentira vezes demais, na pele, as violências que essas tais «piores» eram capazes de infligir gratuitamente. Mas nem isso vergava o seu espírito otimista, ou estreitava a enorme amplitude do seu coração. Vivia com o namorado num apartamento minúsculo, tinham um gato e uma janela com sacada repleta de vasos cheios de flores vermelhas, e isso bastava-lhe. Os amigos costumavam dizer-lhe que ele era feliz com pouco, mas Miguel olhava para a sua vida e não via pouco em lado nenhum.

Desceu do autocarro e encaminhou-se para o camião atravessado. Aparentemente tudo se devera a uma ultrapassagem irresponsável por parte de um automóvel comercial, cuja parte da frente jazia agora debaixo das rodas do colosso.

Indiferentes ao milagre de ninguém se ter magoado, os dois condutores discutiam e esbracejavam furiosamente. Miguel começou a aproximar-se com o objetivo de os chamar à razão e foi aí que aconteceu.

Vindo do céu e da terra ao mesmo tempo, um som de volume inimaginável, como um silvo ou um apito ininterrupto, obrigou a que toda a gente levasse as mãos à cabeça para proteger os ouvidos. Era um ruído atroz, com uma magnitude superior a tudo o que alguma vez alguém tinha escutado.

Sem tempo ou espaço para que fosse possível tentar dar sentido ao que estava a acontecer, o pânico instalou-se entre os presentes. O som provocava dores lancinantes na cabeça, e os tímpanos reverberavam essa dor aos limites da loucura. Em todo o lado se via gente a gritar, dobrados sobre si mesmos, ou a colapsarem no chão.

Lá atrás, Diana rastejara para o fundo do carro onde, em posição fetal, comprimia todos os músculos do corpo com tal força e rigidez que nem um gemido saía da sua boca.

Leonardo enfiara rapidamente o capacete, na ilusão de que com ele poderia abafar o som vindo de fora, mas era inútil. O apito vinha de todos os lados como se subitamente se tivesse tornado parte integrante do ar que respiravam.

Farta de ouvir agressões e ameaças, Paula tinha gritado ao marido que se calasse, no preciso momento em que o som começara, e então, ato irracional, sentiu que aquele era o sinal que validava a sua exaustão. Saiu para a estrada e começou a correr por entre os carros, esforçando-se por não cair, resistindo à agonia daquele apito que lhe perfurava o cérebro como uma agulha.

Sentado ao fundo do autocarro, David assistia a isto em silêncio. Não compreendia o porquê de toda a gente ter ficado tão horivelmente desesperada ao mesmo tempo. Sentia, no entanto, um estranho formigueiro a percorrer-lhe o corpo, que o fez encolher-se no lugar, com os braços à volta dos joelhos.

Agarrado à cabeça, numa obstinação de herói da antiguidade, Miguel olhava em volta tentando encontrar a origem daquele ruído, mas tudo o que via era pessoas aterrorizadas, no mais absoluto estado de vulnerabilidade e confusão. Pensou no namorado e estremeceu. Estaria ele a ouvir aquilo também?

O som manteve-se brutal e inalterável durante aquilo que pareceu uma eternidade, e depois, de repente, da mesma forma como começara, desapareceu.

Um silêncio desconcertante, que durante alguns segundos ninguém ousou quebrar, abateu-se sobre a terra. Todos se olhavam perplexos e agitados, uma sensação física, como um instinto primitivamente animal, fazia-os pressentir que algo estava prestes a acontecer.

Os primeiros gritos vieram de pessoas que tentaram prestar socorro a outras. Era uma visão difícil de compreender a princípio. Ao mais breve toque, uma mão que se estendia para ajudar alguém a levantar-se, um gesto de apoio, de carinho ou de conforto, como quem só pelo contacto físico deseja dizer «Tem calma, já passou, eu estou aqui», e era como se um violento choque elétrico lhes percorresse o corpo, provocando primeiro um esgar de dor excruciante e depois a morte.

«Ninguém se toque!» ouviu-se alguém gritar, ao fim de algum tempo.

Uma jovem mãe em soluços, retrato pungente da histeria, pegou no seu bebé e apertou-o contra o peito. Não demorou mais do que alguns segundos até que ambos caíssem fulminados no chão.

Antecâmara do horror.

Suspensão de choque, pausa momentânea na realidade em que todo o movimento cessa.

Caos.

De repente todos gritam e correm anarquicamente por entre os carros. De todos os lados saltam vozes descontroladas e agressivas.

«Não te aproximes, caralho!», «Sai do carro!», «Não estou a brincar!», «Tenho uma arma, afasta-te!».

Os condutores do camião e do carro comercial, subitamente validados na sua agressividade, avançam um para o outro de punhos erguidos. Desabam ao primeiro embate, como se uma força universal os desligasse.

Por todo o lado corpos tombam ao mínimo contacto, caindo desconjuntados e de olhos abertos de horror e espanto, uns sobre os outros, tal qual fantoches de pano na mais pérvida representação do Inferno de Bosch.

Gritos incessantes rasgam o ar atravessando o espaço.

Vozes agudas, graves, roucas, ofegantes, carregadas de desespero, misturam-se num coro dissonante. Algumas chamam nomes, outras gritam histericamente por ajuda ou ameaçando os demais, e há ainda quem solte berros secos, sem palavras, medo puro, esvaziado de pensamento. Um mar de som sem ordem nem pausa.

Atónito ao comprovar a rapidez com que a civilização se dissolve e o verniz da sociedade estala, Miguel, com o olhar injetado pelo sentido de missão que o seu carácter não permitia que abandonasse, correu aos tropeções para o autocarro. Mas quando entrou e se confrontou com as expressões de angústia expectante dos passageiros, sentiu a força abandonar-lhe as pernas e as ideias revoltas e perdidas. Respirou fundo e duas grossas lágrimas assomaram-lhe aos olhos.

— Não se toquem, por favor! O toque mata! — balbuciou.

Instintivamente todos se afastaram uns dos outros, felizmente o autocarro não estava cheio e isso permitiu que aqueles que estavam sentados lado a lado mudassem de lugar sem grande desordem, somente Helena e o marido não se mexeram.

Tinham prometido um ao outro lutar sempre pela vida, apesar das reformas miseráveis, das células cancerígenas, dos tratamentos horríveis, do cansaço. Não sabiam o que aquilo era, nem quanto tempo ia durar, mas isso pouco importava. Um mundo onde não

se podiam tocar já não era mundo, uma vida na qual o amor que sentiam um pelo outro não se podia materializar em mãos entrelaçadas, em beijos de boa noite, em pés frios que na cama se procuram, já não era vida.

Estavam velhos, o tempo tinha-lhes sido generoso, mas a fadiga era já maior do que a vontade, e continuarem vivos não era mais do que uma prova de amor. O toque um do outro era tudo o que tinham, e abdicarem dele, por um momento que fosse, era um preço que não estavam dispostos a pagar.

Olharam-se com uma expressão de ternura sem fim e sorriram.

E então, perante o horror deslumbrado de todos os presentes, abraçaram-se uma última vez.

O céu, antes luminoso e que em confusão via de cima esta tragédia, vestiu-se com uma penumbra que não chegava a ser nuvem.

Não deixa de ser fascinante a rapidez e a aptidão com que os humanos se adaptam a uma realidade onde a violência se mistura com o absurdo, quando o que importa é sobreviver.

Dispersas pela via de rodagem, dezenas de pessoas fugiam às arrecuas, tentando garantir que não tocavam em ninguém. O medo instalara a anarquia, e mesmo os laços mais profundos, entre pais e filhos, amantes ou amigos, pareciam ter-se rasgado instantaneamente.

Cada um por si e Deus por todos, assim proclama o ditado, mas o que restará de nós se descobirmos que, no fim de contas, Deus não está por ninguém?

Miguel subiu para o tejadilho de um carro e começou a falar.

— Atenção! A vossa atenção, por favor! A rede está em baixo, por isso não é possível pedir ajuda. Vou tentar chegar a um hospital. O mais próximo fica para trás, a mais ou menos uns cinco ou seis quilómetros daqui. As autoridades vão saber dizer-nos o que fazer, pelo menos até percebermos o que se passa. Quem quiser seguir-me é bem-vindo. Façam uma fila e guardem distância de pelo menos um metro da pessoa à vossa frente. Vamos fazer isto ordenadamente para que ninguém se magoe, está bem?

— Quem é que te elegeu para comandante, ó camarada? — perguntou, de modo hostil, um homem de fato.

— Esteja calado, seu estúpido, não vê que o rapaz está a tentar ajudar? — disse uma mulher de saia travada e saltos altos. — Eu vou consigo!

— Eu também! — e agora a voz que falava era de Paula. — Dou consultas nesse hospital, posso ajudar.

— De quem é este miúdo? — perguntou Leonardo, elevando a voz para que todos o ouvissem, apontando para o pequeno David. — Está tudo surdo? Perguntei de quem é este miúdo? Ninguém se acusa, caralho?

— Tenha calma, está bem? — respondeu Miguel. — O puto está sozinho. Apanha todos os dias o meu autocarro para ir para a escola.

— Merda. Como é que te chamas, miúdo? Onde é que estão os teus pais? — questionou Leonardo.

— Chama-se David e não fala. Escusa de estar aos gritos.

— É mudo?

— É surdo — esclareceu Miguel, já impaciente.

— Porra! Eu levava-o a casa, mas não posso. A minha mulher está grávida, tenho de ir ver se está bem.

E dizendo isto Leonardo subiu para mota.

— O puto vem comigo — declarou Miguel. — Percebeste, David? — disse, soletrando as palavras exageradamente. — VENS COMIGO.

Inexpressivamente, a criança meneou a cabeça dando a entender que compreendia.

— Merda para isto! — era novamente Leonardo quem falava. — A mota não liga. Não faz sentido... ficou toda a noite a carregar.

— O meu carro também está morto — interveio um homem de meia-idade —, o que quer que isto tenha sido, deu cabo de todos os sistemas elétricos.

— Foda-se! — lastimou-se Leonardo, olhando a Harley Davidson com desalento.

— Eu também me junto — disse Diana, e a voz saiu-lhe tremida.

Só há minutos se atrevera a sair do carro, sentia o coração a bater aos solavancos e as pernas ainda não lhe obedeciam corretamente, mas não podia continuar ali.

— O prédio dos meus pais fica junto ao hospital. Tenho de ir ver se estão bem.

— Vamos então, não faz sentido perder mais tempo — concluiu Miguel —, sigam atrás de mim os que quiserem. Mantemos a distância de segurança, entendido?

Desceu do tejadilho do carro e dirigiu-se a David, ilustrando com gestos tudo que ia dizendo.

— Não nos podemos tocar, percebes? Vou levar-te à tua mãe. O menino anuiu com um aceno.

Tinha oito anos e estava assustado é certo, mas o seu medo era diferente, arreigado em camadas mais complexas e profundas da condição humana. Por não poder ouvir o que diziam concentrava-se nas suas expressões, nos olhares desviados, nos gestos interrompidos e nessa observação era perito a distinguir emoções autênticas de emoções fingidas, expressões de angústia, de outras que, ainda que parecessem semelhantes, nada mais eram senão de egoísmo.

Um grupo de cerca de vinte homens e mulheres, diferentes em idade e aparência enfileirou-se atrás de Miguel e de David, que seguia ao seu lado, partindo finalmente e deixando para trás todos aqueles que, por desconfiança, preferiram enfrentar sozinhos aquela demanda.

Não falavam. Carregavam no peito a perplexidade e a intuição inextrincável de que o pesadelo estava apenas a começar. Caminhavam a compasso, mantendo a distância, num estado de alerta tão absoluto que lhes permitia observar o mundo em redor, como nunca antes.

Quem os visse de cima e ao longe, diria talvez que eram peregrinos numa viagem de autoconhecimento, ou refugiados de uma guerra qualquer, errantes caminheiros numa jornada sem fim à vista e em direção a lugar nenhum.

A entrada do hospital estava deserta. Deserta como uma cidade depois de um furacão, que tudo levasse.

Uma cadeira de rodas tombada impedia a porta automática de fechar, provocando um gélido e inquietante estrondo, do metal e borracha batendo e raspando o vidro, ritmadamente como um relógio lúgubre em contagem decrescente.

— Onde está toda a gente? — perguntou Diana, com a voz a fugir-lhe.

— Devem estar lá dentro. Sigam-me, vai ficar tudo bem — respondeu Miguel, e pela primeira vez, sentiu que mentia.

No enorme átrio das urgências, com os seus balcões de atendimento enfileirados, pairava uma quietude de ausência. E foi isso que o grupo viu em primeiro lugar. O vazio era a maior das presenças, como um vestíbulo que prepara a mente humana para discernir a barbárie.

Um segurança jazia sobre uma mulher grávida, logo adiante, junto a uma máquina de venda automática de comida, um casal e o seu filho pequeno: o pai caíra de joelhos e era nessa posição que impedia a queda daqueles dois corpos que tanto amara e conhecera. Duas paramédicas abraçadas, que não se haviam separado ao cair, entrelaçavam-se numa contorção sobre-humana, e um adolescente que, sentado, encostava a cabeça ao ombro de um velho, talvez o seu avô, permanecia de expressão serena, como se por estar a dormir não tivesse sentido nada. Todos mortos. Evidentemente mortos.

Paula começou a chorar, conhecia o segurança e as duas paramédicas. Não conseguia compreender o que se estava a passar, mas sabia que a sua formação em medicina de nada serviria ali.

Miguel sentiu o ímpeto de tapar os olhos a David. Uma criança não devia ver aquele horror.

— Não! — gritou Diana.

Miguel estacou, transido de pânico, com a mão a meros centímetros da cara do menino.

— Desculpa — balbuciou, e uma sequência rápida de lágrimas escorreu-lhe pela cara —, tinha-me esquecido.

— Vai ser difícil não nos esquecermos — declarou Paula —, tocarmos uns nos outros faz parte da nossa condição animal. Proponho que coloquemos algo que nos ajude a lembrar.

— Tipo o quê? — perguntou Leonardo, tremendo o queixo, com aquela agressividade própria de quem, por ter perdido o contacto com a lógica, não consegue fazê-lo de outra forma.

— Luvas de borracha — sugeriu Paula —, podemos calçar vários pares sobrepostos.

— E quem nos garante que isso funciona?

— Ninguém. Mas se o que mata é o toque, o que faz sentido é que...

— A doutora está à procura de sentido... — interrompeu uma mulher mais velha — ... de respostas científicas para uma coisa que vem de outro lugar...

— De onde?

— De Deus — declarou com firmeza —, este é o Juízo Final. O grupo agitou-se.

— Não seja ridícula! — exasperou-se Miguel. — Quer assustar as pessoas?

— Estou só a dizer a verdade. Ignorámos demasiado tempo a palavra Dele e hoje chegou finalmente o castigo.

— Esteja calada! — ordenou Diana, com violência. — Guarde para si essas ideias de merda. Não estamos interessados em teorias do fim do mundo.

A mulher recuou, abalada, e Diana fez um esforço visível para se recompor, aquele tipo de arranque era totalmente invulgar

na sua maneira de ser, e voltando-se para Paula e para os restantes, disse:

— Eu concordo com a ideia das luvas. Acredito que será melhor que nada.

— Muito bem, venham comigo, sei onde estão — assentiu Paula, tomando a dianteira.

O grupo seguiu pelos corredores do hospital, que no espaço de poucas horas ganhara o aspeto de estar abandonado há muito tempo. Durante um minuto caminharam sem ver viva alma e, além dos próprios passos, a única coisa que ouviam era um distante monitor de sinais vitais entoando a nota ininterrupta que anuncia o derradeiro sopro de uma vida.

— Chegámos — anunciou. — Aquele é o meu gabinete — disse, apontando —, esperem aqui.

Empurrou a porta e este movimento foi acompanhado por dois estalidos brutais vindos de dentro.

— Quem está aí? — vociferou um homem. — Para trás!

A porta completou a sua trajetória e escancarada revelou, transfigurado, um polícia dos seus vinte e poucos anos, empunhando descontroladamente uma pistola. Transpirava, tremia e falava como se roesse as palavras.

— Não volto a avisar! O problema das pessoas é não saberem obedecer quando é preciso! E agora? O que é que eu faço agora?

Tinha os olhos raiados de água e de sangue.

— Por favor, tenha calma, o meu nome é Paula, sou médica, só quero as luvas de borracha que estão na gaveta atrás de si.

— Vá procurá-las noutro sítio. Se avançar disparo, pode ter a certeza que disparo.

— Como é que se chama?

— O que é que isso interessa, foda-se?

— Estou a perguntar porque...

— Escusa de me tentar acalmar com essas táticas de merda. Para trás, já disse!

— Está em estado de choque deixe-me ajudá-lo...

— Cala-te caralho! O que é que tu sabes, hein? — gritou em convulsão. — O que é que tu sabes?

— Sei apenas que ninguém estava preparado para as coisas horríveis a que assistimos hoje. Nem eu que sou médica, nem você que é um polícia tão jovem...

— Cale-se, já a mandei calar! — cuspiu, quase a desabar.

— Só quero ajudar...

— Fiz o que tinha de fazer! É fácil criticar os outros quando não passamos pela situação. Eu fiz o que tinha de fazer, só isso!

Paula, deu um pequeno passo em frente e todo o corpo do polícia estremeceu, bem como a arma, num sacudir infrene.

— Não o vou criticar, estamos todos assustados, com medo desta coisa que ninguém sabe o que é.

— Você não percebe. Ninguém vai perceber.

Paula avançou mais um pouco.

— Por favor — pediu suavemente —, vá para junto da marquesa e eu não me aproximo de si, sequer. Tiro as luvas e volto a sair imediatamente. Só entro eu.

O polícia recuou aos tropeções.

— Estás acompanhada? — perguntou, e a voz saiu-lhe esbuegada de pânico.

— Sim. Somos um grupo. Cerca de vinte pessoas, creio. Estamos juntos. Viemos a pé desde a autoestrada...

Não a deixou terminar. Um disparo explodiu na direção do teto.

— Para trás, caralho! Acham que estou a brincar?

— Bófia de merda, quero ver se continuas a falar grosso depois de te tirarmos a arma — insurgiu-se um homem de fato e gravata, assomando à porta.

— Cale-se! — sussurrou Paula, furiosa, virando-se para trás. — Quer fazer pior? Não vê que o rapaz está em estado de choque?

Uma mulher mais velha, de cabelos grisalhos e bonitos, aproveitou a deixa e aproximou-se da ombreira. O resto do grupo permanecia afastado, em silêncio.

— Como é que te chamas, meu filho?

— O que é que isso importa agora?

— Importa muito. É tudo o que importa nestes momentos. Nunca deixamos de ser quem somos. O meu nome é Manuela.

— É o nome da minha mãe — disse e rebentou a chorar —, você faz-me lembrar a minha mãe. Ela, ela também não vai perceber. Ninguém vai.

— Estás enganado...

— Como poderiam, se nem eu próprio compreendo? As pessoas só entendem aquilo que conhecem. E não viram, não estavam aqui. Aconteceu tudo tão depressa... primeiro os gritos, depois... acabou antes de começar e eu... eu não sobrevivo a isto.

E subindo a arma à altura da cabeça, virou-a para si e disparou.

Só Manuela, Paula e o homem de fato viram. Os outros adivinharam. E como um efeito epidémico de contágio, ou peças num dominó de consciências quebradas, todos desabaram em rendição total ao desespero. Uns gritaram, muitos fugiram, outros ficaram estáticos, paralisados pelo horror de não conseguirem compreender.

Finda a interminável e atroz reverberação do tiro, Paula entrou no gabinete e esforçando-se por não olhar o corpo, retirou da gaveta a caixa de luvas. Quatro pares sobrepostos para cada uma das sete pessoas que ficaram, o suficiente para criar uma película grossa entre a pele e o exterior.

Somos todos figurantes no filme da vida de alguém, um vislumbre momentâneo e raramente intencional, de alegrias e tragédias. E seguimos incólumes, à espera da nossa vez. Em bicos de pés, ilesos e em carne viva ao mesmo tempo.

Poucos metros à frente, caminhando pelo corredor, depararam-se com uma sala de espera onde dezenas de pessoas, a maioria

crianças, formavam uma montanha de corpos. Muitas tinham marcas de balas.

Continuaram a andar sem trocarem uma única palavra sobre aquilo e, no entanto, era como se tivessem, num coletivo telepático, concordado que nunca tinham visto tal coisa e que ainda que lhes viesse a aparecer mais tarde em pesadelos, diriam a si mesmos, num unísono silencioso, que tal não passava de uma ilusão criada pelo trauma daquele dia.

*

De regresso à rua, o caminho feito sem pensar, pés que iguais ao pensamento pareciam não tocar o chão, e já aquela visão abominável se começava a dissipar. O instinto de sobrevivência raramente anda de mãos dadas com a verdade.

— Vamos sair daqui — disse Miguel, sustendo a respiração —, não há nada para nós neste lugar.

— E os outros? — perguntou Diana, nervosamente. — Devíamos procurá-los.

— Que se lixem os outros — exclamou Leonardo —, foram-se embora porque quiseram. Temos de pensar em nós.

— Mas...

— Ele tem razão — admitiu Paula —, não podemos ficar. Aqui só há morte. Para mais, temos uma criança connosco. A criança é a prioridade.

— Concordo — declarou Miguel —, proponho seguirmos juntos até o deixarmos com a mãe e depois vamos de casa em casa até que todos estejam em segurança.

— Nada disto faz sentido. Somos estranhos. Nem sequer sabemos os nomes uns dos outros — disse Diana, e uma enorme massa de água formou-se instantaneamente nos seus olhos.

— Leonardo! — disse, pondo o braço no ar. — Sou informático militar, quer dizer, de momento estou desempregado, gosto

de motas... e que mais? Ah sim, a minha namorada está grávida, vou ser pai daqui a três meses. E tu?

— Eu? Estou preocupada com os meus pais. Chamo-me Diana, tenho vinte e nove anos, sou revisora de texto numa editora... e acho que é só.

— E já é muito! — emendou simpaticamente a mulher de cabelo grisalho e bonito. — Sou a Manuela, professora de francês. Viúva. Falta-me um ano para a reforma. Nunca vi nada assim... O que terá provocado isto? E se não passar?

— Vai passar — disse Miguel —, tenho a certeza de que vai passar, mas temos de nos manter calmos. Eu era motorista de autocarro, mas agora sou vosso protetor. Podem contar comigo — declarou.

E voltando-se para o pequeno David falou pausadamente:

— Vamos levar-te à tua mãe. Sabes a morada de casa? Podes escrevê-la?

O menino acenou, assentido. Tirou um caderno da mochila e escreveu, na sua caligrafia desenhada e infantil. Miguel arrancou a folha e sorriu com doçura.

— Perfeito! Não estejas nervoso, está bem? Já te conheço há algum tempo e sei que és um miúdo especial. Já percebeste que não nos podemos tocar, não é? És esperto. Se precisares de alguma coisa levantas o braço, sim?

David, de expressão vazia, acenou novamente. Naquele dia tinha visto horror em excesso para uma vida inteira e ninguém sabe exatamente a forma como as reminiscências da memória se agarram às crianças, mas o certo é que o fazem com raízes poderosas, por vezes em profundidade, extensas e sombrias, outras furiosamente rompendo e deformando o solo à sua volta.

— Obrigada, Miguel — agradeceu Paula —, obrigada por tudo o que fez até agora. Não preciso de o conhecer para ter a certeza de que estou diante de um homem bom. Eu já me apresentei... sou a Paula, cirurgia cardiovascular, o meu marido também

é médico aqui... estava com ele no carro esta manhã. Não sei o que lhe aconteceu... Mas o que importa agora é que estamos juntos, e faço minhas as palavras do Miguel. Podem contar comigo.

Todos os olhos se viraram para o homem de fato e gravata.

— Agora sou eu? Bom, o meu nome é Jaime sou analista de seguros... moro sozinho com o meu cão, o Boris. Tenho de ir ver se está bem.

— Sei onde isto é — anunciou Miguel, de olhos postos na folha arrancada do caderno escolar —, vamos por dentro. Conheço um caminho pela cidade, sem termos de voltar à estrada. Não sabemos como estará, o melhor será evitá-la. Se andarmos bem, penso que entregaremos o David à mãe em menos de duas horas.

Diana agitou-se.

— Não posso fazer isso. Os meus pais moram a um quarteirão daqui. À hora a que isto aconteceu, estavam em casa, tenho de ir vê-los. Sigam sem mim.

— Não ouviste o general, pá? — perguntou Leonardo.
— Estamos juntos. Nenhum homem fica para trás! Especialmente, e não me leves a mal, se for uma mulher.

— Vamos contigo, Diana — concordou Paula, não podendo evitar um sorriso.

Manuela, esqueceu por um instante o medo e sorriu também.

— Claro que sim. Vai à frente e indica o caminho — pediu Miguel. — Já sabem, seguimos em fila e mantemos pelo menos um metro de distância da pessoa defronte de nós. David, tu vens ao meu lado.

QUANDO O TOQUE SE TORNA MORTAL, O QUE RESTA DA HUMANIDADE?

Num mundo que já se habituou à indiferença, um som impossível ecoa do céu e da terra e, num instante, tudo muda. Depois dele, surge uma nova verdade, tão simples quanto devastadora: o toque mata. Milhares sucumbem. As regras da convivência e do amor são rescritas e a sociedade renasce sob um novo pacto, o da distância.

Mas como continuar a ser gente num mundo onde o afeto é proibido? Será a liberdade e a justiça algo de que estamos dispostos a abdicar para sobreviver?

Cinco desconhecidos — duas mulheres, dois homens e uma criança surda — embarcam numa jornada perigosa rumo a um refúgio remoto, onde acreditam existir uma cura.

Entre a esperança e a manipulação, eles tornam-se heróis improváveis de uma epopeia distópica que reflete, com inquietante precisão, o mundo em que vivemos.

UMA HISTÓRIA SOBRE O MEDO, A CORAGEM
E O PODER DEVASTADOR E REDENTOR
DO CONTACTO HUMANO.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-257-0



9 789895 892570